

PEDAGOGIA E POLÍTICA NA OBRA DE DAMIÃO DE GÓIS: UMA LEITURA DA CRÔNICA DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE D. JOÃO, DE 1567

doi: 10.4025/imagenseduc.v1i1.12353

César de Alencar Arnaut de Toledo*
Loide Tozati**

* Universidade Estadual de Maringá – UEM. caatoledo@uem.br

** Instituto de Educação Estadual em Maringá – IEEM. loidetozati@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a obra **Crônica do Sereníssimo Príncipe D. João**, escrita por Damião de Góis (1502-1574), importante figura do Humanismo português. A análise destaca a relação entre a pedagogia política e a pedagogia religiosa no século XVI, no contexto da própria configuração do Portugal moderno. Damião de Góis representa a face modernizadora do Humanismo em Portugal, sendo assim, essa foi a principal razão da perseguição que o levou à morte. Sua obra pode ser considerada como um dos mais importantes “documentos” da instauração da modernidade em Portugal.

Palavras - Chave: Damião de Góis. Século XVI. Humanismo. Pedagogia. Portugal.

ABSTRACT: This article has as objective to analyse the work **Crônica do Sereníssimo Príncipe D. João**, written by Damião de Góis (1502-1574), an important figure of the Portuguese Humanism. The analysis highlights the relation between political and religious Pedagogy of the 16th century, in the context of modern Portugal configuration. Damião de Góis represents the modern face of Humanism in Portugal, and it was the main reason of the persecution that led him to death. His work can be considered one of the most important “documents” of the establishment of the modernity in Portugal.

Key words: Damião de Góis. 16th century. Humanism. Pedagogy. Portugal.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a obra **Crônica do Sereníssimo Príncipe D. João**, escrita no ano de 1567 por Damião de Góis (1502-1574), destacada figura do Humanismo em Portugal no século XVI. O enfoque é dado à relação entre a pedagogia política desse autor e a pedagogia religiosa usual naquela época. Tal relação expressa a própria configuração do Portugal moderno. Damião de Góis representa a face modernizadora do Humanismo em seu país. Em um primeiro momento, para discutir a trajetória desse movimento que mudou substancialmente o século XVI, será feita uma contextualização do desenvolvimento do Humanismo. Posteriormente, será tratada a exploração marítima que levou às descobertas de novas terras e, após isso, será abordada a vida do autor. Destacar-se-á, por fim, a análise da referida obra de Damião de Góis, dirigida ao príncipe D. João, (1502-1557), rei D. João

III de Portugal a partir de 1521. A obra foi escrita a pedido de seu pai D. Manuel I (1469-1521), rei de Portugal desde 1495.

O reino português vivia um período de expansão econômica no século XVI, devida especialmente à exploração do comércio, fator derivado da expansão ultramarina. Nesse contexto, a produção de obras laudatorias aos governantes portugueses resultou da materialização do avanço da economia e refletiu a representação que os portugueses faziam da própria expansão. É oportuno dizer afirmar, assim, que a obra de Damião de Góis exerceu esses papéis.

O Humanismo, corrente à qual Damião de Góis era filiado, foi um movimento que, por toda Europa mudou substancialmente a filosofia e a educação, com reflexos políticos e religiosos também (ARNAUT DE TOLEDO, 2004). A visão de mundo dos chamados Humanistas não era mais centrada na teologia e nem dela era derivada. Eles assumiam que

estudavam simplesmente o homem e as coisas humanas. Isso acabava por trazer, como consequência, uma desvalorização da teologia e uma readequação do poder da Igreja na Europa ocidental. Os fundamentos da teologia política clássica (medieval) acabaram por ser abalados também. Novos argumentos teriam que ser buscados para sustentar os fundamentos da relação entre as duas formas visíveis de poder na sociedade europeia ocidental nos fins da Idade Média e nos inícios dos Tempos Modernos: Reino (Estado) e Religião (Igreja). Assim, as idéias que se apresentavam com a marca da novidade do Humanismo eram duramente combatidas pelos poderes estabelecidos.

Em Portugal não foi diferente. Os Humanistas ou simpatizantes foram duramente perseguidos. Os ideais do Humanismo pareciam representar, naquela época, séria ameaça ao pensamento e ao poder estabelecidos. Diferentemente dos estudiosos medievais, os Humanistas centravam as suas atenções no homem. Assim, o movimento se propagava e tinha Erasmo de Roterdão (1466/69- 1536) como figura central. Destacava-se também, em Portugal, Damião de Góis (ARNAUT DE TOLEDO, 2004).

É importante observar que os Humanistas europeus acentuavam o domínio das línguas clássicas não apenas para fins de conhecimento, mas também, para utilizá-las com perfeita elegância para o conhecimento dos textos antigos, escritos em grego e em latim. Os Humanistas demonstravam um interesse novo pelos antigos textos e apresentavam enorme curiosidade por manuscritos antigos. Nesse sentido diz Paolo Rossi:

[...] Os escritos descobertos pelos humanistas, no decorrer do seu grande trabalho de busca e de comentário, não se configuravam como meros documentos. Aquelas obras antigas, sobre as quais os humanistas aplicavam a sua refinada filologia, contêm- para os seus olhos- não só conhecimento, mas são ao mesmo tempo diretamente úteis para a sua praxe. A difusão de edições feitas diretamente a partir dos originais gregos, isto é, de traduções não mais baseadas (como na Idade Média) em traduções árabes de obras gregas, teve

efeitos decisivos sobre os desenvolvimentos do saber científico (ROSSI, 2001, p. 89-90).

Dessa forma, esses pensadores valorizavam a linguagem, considerando-a como instrumento essencial para o desenvolvimento do potencial humano. Assim, à filosofia era dada uma proeminência maior que à teologia. Essa era a razão pela qual eram chamados de Humanistas.

Para os Humanistas o potencial humano estendia-se às formas de pensamento, à imaginação, e aos modos de vida, compreendendo todos os aspectos que levavam a influenciar a atitude do homem novo para, assim, construir uma sociedade, pela transformação, e também, para que o homem pudesse descobrir as coisas da natureza pela razão. Na concepção de Sem Dresden:

Humanistas- O homem e o mundo, o homem situado entre o anjo e o bicho, aqui está a ambivalência de tudo o que é humano. Era um tema saliente sob todas as formas de disfarces: na ironia e no diálogo humanista; na Loucura de Erasmo e no Panúrgio de Rabelais que desbobina muita sabedoria no meio de seus disparates; e cujo caráter atinge a sua máxima estrutura nos loucos sábios de Shakespeare. Isto mostra que a inter-relação ainda mais do que a relatividade de tudo o que é humano se encontra em primeiro lugar em suas mentes (DRESDEN, 1968, p. 230).

A descoberta do homem e do mundo punha em evidência não só as condições econômicas e políticas da Europa e, em particular, de Portugal na época das grandes descobertas, mas também as formas de organização da vida dos homens (NOVAES, 1998 p.7).

Nesse contexto, as conquistas portuguesas estavam de acordo com os ideais Humanistas e representavam uma mentalidade nova, na qual a capacidade de iniciativa e a audácia organizativa se agregavam a uma tendência de formação de novos horizontes mentais e culturais. Sendo assim, no século XVI, Lisboa era o reflexo de um mundo em permanente expansão. Coube aos portugueses a glória de

concretizar as ideias da cosmologia do final da Idade Média. Ou seja, as ideias que consideravam a terra esférica. Esses pensamentos foram defendidos pelos pensadores e exploradores portugueses que tinham como meta atingir o Extremo Oriente, quer contornando a África, ou mesmo, através do Oceano Atlântico. Dessa forma, teve início o período chamado de Era dos Descobrimentos, que corresponde, grosso modo, aos séculos XV e XVI. Segundo Francisco Contente Domingues,

Por volta da década de 1440, a navegação portuguesa conheceu uma profunda transformação com os primórdios da arte náutica, da cartografia náutica e o aparecimento do navio ideal para as explorações marítimas, a caravela latina. Na viragem para o século seguinte dava-se início a uma transformação, menos visível mas não menos significativa: sem haver alterações de fundo no concernente à arte de navegar, torna-se patente a capacidade de Portugal organizar uma armada de alto bordo para a navegação inter oceânica continuada. Talvez não tenha sido por acaso que justamente nesta altura se descobriu o Brasil (DOMINGUES, 1998, p. 223-224).

O desenvolvimento poderoso e pujante de Portugal e o progresso da técnica de navegar tornaram possível aos navegadores o afastamento da costa sem o receio de se perderem. A agulha magnética, trazida da China para a Europa pelos árabes e adaptada, proporcionava aos navegadores a possibilidade de seguir uma rota certa mesmo em condições climáticas difíceis. Tal desenvolvimento foi possibilitado, em grande parte, pelo processo de modernização do estado português no século XV. A propósito dessa modernização e desse progresso material, Maria Helena da Cruz Coelho afirma:

Neste Estado centralizador, militarizado, burocrático e fiscal, impõe-se então no aparelho de Estado, para além da habitual fidalguia e clerezia, uma nobreza de leis e de saber. Esta nobreza togada, junto de uma capilaridade social que atravessa tanto a nobreza de sangue como a burguesia, enxameava a corte ou

disseminava-se pelas diversas partes do reino. Sustentava a máquina burocrático-estatal no continente como depois no Império. Representava, no seu todo, uma outra extensão do poder, da cultura, do saber, pelo domínio das leis, da justiça e da escrita (COELHO, 1998, p. 135).

Esse ambiente cultural foi também povoado por pensadores humanistas e nele o Humanismo encontrou fértil terreno para o seu desenvolvimento em Portugal. Os humanistas participaram assim, da construção do conjunto de representações positivas e grandiloquentes de Portugal no período dos Descobrimentos. As navegações tornavam mais ágil a circulação de notícias de novas terras e novos povos. Esse progresso não se deu sem traumas. A entrada de Portugal na Modernidade fez mostrar as contradições políticas e económicas internas (BAQUERO MORENO, 1998, p. 175)

Cada descoberta de outras terras fazia circular a notícia mais rapidamente. Homens letrados e doutores também buscavam conhecer os novos mundos. Assim, eles partiam junto com as Companhias de navegação e garantiam as notícias àqueles que na Europa permaneciam. Conforme diz João Cruz Costa,

O mistério do Oriente, com suas riquezas, atraía para Portugal os homens dos mais variados meios e culturas. Na Rua Nova dos Mercadores, muito mais vasta do que as outras ruas da cidade, adornada dum lado e doutro, com belos edifícios, - escrevia Damião de Góis- se juntavam todos os dias, os comerciantes de quase todos os povos e partes do mundo, com extraordinário concurso de gente, por causa das facilidades que o comércio e o porto oferecem (COSTA, 1956 p. 38).

Após as primeiras viagens dos portugueses ao oriente, todos os anos as grandes embarcações, chamadas naus, saíam da Índia e atravessavam os oceanos para Lisboa carregadas de especiarias. A Europa estava em profunda agitação, pois o sistema feudal ia dando lugar aos estados centralizados, marca do início dos Tempos Modernos (SKINNER, 1996).

Os reis estavam interessados em aumentar seu poder por meio da classe mercantil em ascensão, a qual desejava um governo centralizado e que favorecesse o comércio e a indústria. Desse modo, as mudanças no pensamento provocadas pelos Humanistas, dentre eles a importante figura de Damião de Góis, abalaram os velhos modos de pensar, uma vez que estimularam a expansão marítima. Para os reis de Portugal significou uma ampliação política e econômica, além do fortalecimento de uma área estratégica para grandes lucros.

A trajetória do Humanista português

Damião de Góis nasceu na cidade de Alenquer. Em fevereiro de 1502 e faleceu em 1574. Era filho de Rui Dias de Góis e Isabel Gomes de Limi. Tinha raízes flamengas por parte de seu bisavô materno Nicolau de Limi, nobre flamengo que havia se fixado em Portugal no século XV.

O notável Humanista português ficou órfão de pai em 1513, embora já em 1511 tivesse entrado para o Paço Real. Ele desfrutava do convívio na corte lusitana, mas foi perseguido pela poderosa Inquisição portuguesa em razão de suas idéias inovadoras.

Góis desempenhou várias funções. Entre elas, tornou-se guarda-roupa na corte em Lisboa, onde presenciou as visitas dos membros do corpo diplomático. Ele começou nessa função em 1523. Damião de Góis também exerceu a função de secretário da Feitoria Portuguesa, que serviu de preparação à sua carreira de intelectual Humanista.

A presença do Humanista na corte permitiu-lhe possuir um modo de vida luxuoso. Contudo, recusou algumas das funções que lhe foram oferecidas, dentre eles, o cargo de Tesoureiro da Casa da Índia, um dos mais ambicionados da época, que lhe fora confiado por D. João III.

No ano de 1531, Góis recebeu a missão de apaziguar os conflitos entre a Dinamarca e a Polônia, dirigindo-se às regiões de Schleswig e de Lübeck para diminuir a rivalidade econômica, que caracterizava uma ameaça à segurança das vias marítimas do norte. Assim, Góis transmitiu a garantia de neutralidade de D. João III no conflito.

Com esse episódio, Damião de Góis teve a oportunidade de realizar novas viagens, o que lhe permitiu ampliar ainda mais sua visão de mundo e vislumbrar novas possibilidades para compreender a história europeia. Uma das características de sua personalidade era a curiosidade de Humanista. No decurso de suas viagens, encontrou intelectuais que o introduziram no ambiente Humanístico.

Damião de Góis, Humanista português de educação refinada, amante das artes, cronista, filósofo e diplomata compunha versos e musicava a seu gosto (TAVARES, 1999, p. 22). Dedicou-se também ao estudo de latim, língua erudita da época, ao freqüentar a Universidade de Pádua, onde chegou no ano de 1534.

O Humanista português escreveu várias obras que o levaram a ser vítima, por várias vezes, de denúncia à Inquisição. Em suas obras demonstrava vivo interesse pela história, o que o fazia viajar por toda a Europa e assim contatar grandes pensadores do período, dentre eles Erasmo de Roderdão. A paixão de Damião de Góis pelo Humanismo era tão intensa que ele fez desse movimento o objetivo de sua vida.

Na cidade de Friburgo, na primavera de 1532, estabeleceu contato com Erasmo, então já uma figura de renome no pensamento Humanista. Erasmo teria ficado impressionado com a cultura e o espírito avançado do jovem Damião de Góis desde o primeiro momento. Dessa forma, por meio da troca de correspondência, tornaram-se amigos. Damião de Góis tinha profunda admiração por Erasmo e o chamava de mestre. Erasmo teve forte influência no pensamento de Góis. Conforme nos informa Elizabeth Feist Hirsch,

[...] Tinham as mesmas ideias a respeito duma religião católica aberta e não dogmática. Outro ponto de concordância fundamental era o do papel do Humanismo na formação da mente dum e doutro. [...] Erasmo não negava a importância da graça divina para a fé e para a salvação do homem, mas a sua religião do coração, tão claramente expressa no *Manual do Cavaleiro Cristão*, continha a semente que deu origem ao homem moderno orgulhoso dos seus talentos.[...] nem Góis nem Erasmo duvidavam da coexistência, lado a lado, duma fé

subjectiva e da lealdade à religião católica.[...] Erasmo era puramente racional, mas, por outro lado, também será possível afirmar que Erasmo “permaneceu firmemente ligado ao espírito e à prática do catolicismo tradicional?”. Quanto a Damião de Góis a fé humanística fez com que lhe fosse possível encarar as questões deste mundo em termos inteiramente seculares (HIRSCH, 1967, p. 112-113).

Tal modo de pensar era um dos motivos pelos quais Erasmo era mal visto pela hierarquia da Igreja, a quem também criticava abertamente. A amizade entre os dois pensadores pode ser verificada em duas cartas escritas por Damião de Góis a Erasmo. A primeira, de 22 de dezembro de 1535, e a segunda, datada de 26 de janeiro de 1536. Ambas foram escritas em Pádua, na Itália (TAVARES, 1999, p. 223-231). O texto indica claramente, a familiaridade com a qual o Humanista português se refere a pessoas e fatos comuns a ambos. Isso nos revela ter havido contatos anteriores e a afabilidade indica uma relação de amizade, muito prezada pelos Humanistas.

A doença de Erasmo o fez regressar a Friburgo. A lenda diz que o grande Humanista morreu nos braços de Góis em julho de 1536. Essa lenda reforça a idéia de que os laços que prendiam Góis a Erasmo eram fortes embora ela nada tenha a ver com a realidade (TAVARES, 1999, p. 31-32)

Em 1538, após haver terminado seus estudos em Pádua, Góis regressou a Lovaina e se casou com Joana Van Hargen, filha de um membro do Conselho Flamengo de Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Nessa época realizou a parte mais importante do seu trabalho de historiógrafo. Seu objetivo era divulgar os feitos que os portugueses realizaram em terras do Oriente. Um dos fatos mais marcantes da vida pessoal de Góis foi a morte de sua mulher, ocorrida no ano de 1567.

Damião de Góis, em sua vida militar participou da defesa de Lovaina no ano de 1542. Ao comandar os estudantes da Universidade contra o cerco do general chamado Longueval, de origem francesa, Góis foi aprisionado pelos adversários, sendo que, para se libertar teve de pagar alta quantia.

Contudo, o Imperador Carlos V, para recompensar Góis dessa perda, concedeu-lhe um brasão de armas e vários outros prêmios.

O interesse de Damião de Góis pela história o impulsionou a conhecer em detalhes outras religiões e a nutrir grande interesse pelo modo de vida de tribos primitivas e do protestantismo, liderado inicialmente por Lutero, com quem Góis manteve diálogo. Esse encontro com Lutero ocorreu no ano de 1531 (TAVARES, 1999, p.74). Góis foi convidado por Lutero para ir a uma reunião em sua casa. Ele aceitou prontamente, pois mantinha uma tolerância religiosa inabalável. Assim, Góis foi alvo de diversas denúncias. A que mais pesou para levá-lo ao Tribunal do Santo Ofício foi a sua presença à reunião na casa de Lutero. Conforme nos informa Raul Rêgo:

[...] Damião de Goes louvava a doutrina de Lutero; e que ao que ele testemunha via e entendia do sobredito Damião de Goes, era que ele tinha a dita seita e heresia de Lutero. E via que se deleitava muito e comprazia nela.

E disse mais ele testemunha que o dito Damião de Goes pode fazer muito dano acerca das coisas da nossa fé católica, porque é homem avisado e sabe, além do latim, alguma coisa de Teologia, e sabe a fala francesa e italiana, e lhe parece também que saberá a flamenga e a alemã, porque andou muito tempo entre eles.

[...] E disse mais ele declarante que sabia que o dito Damião de Goes tinha muita autoridade entre os luteranos (RÊGO 2007, p. 40-41).

O contato que Damião de Góis manteve com o luteranismo, devido ao seu forte desejo de conhecimento, colocou-o como herege diante do Tribunal do Santo Ofício. No cárcere, o Humanista português foi tratado de forma rude. Ele foi mantido aprisionado por alguns anos, vindo a falecer pouco depois de libertado. Segundo Elisabeth Feist Hirsch:

Em 1574, dois anos depois de ter sido posto em liberdade, Damião de Góis morreu em circunstâncias duvidosas, possivelmente na vila natal de Alenquer. O mistério que paira sobre a sua morte está evidentemente ligado à tragédia dos últimos anos, mas, pelo menos, foi-lhe

satisfeito o desejo de ser enterrado na vila onde nascera. Em 1560, no auge da carreira, Góis tinha composto uma inscrição para a campa; como constitui a síntese do que considerava como sendo os mais altos feitos da sua vida, talvez seja apropriado citá-la aqui:

Deus todo poderoso. Fui outrora Damião de Góis, fidalgo português. Peregrinei por toda a Europa em negócios do Estado. Entreguei-me a actividade guerreiras e aos labores da Musa. Príncipes e homens doutos foram os meus amigos. Agora em Alenquer, onde nasci, a minha campa há-de ficar até ao revivificar das cinzas (HIRSCH, 1967, p. 263)

Como expressão máxima do Humanismo português Damião de Góis representava os homens esclarecidos do seu tempo que eram fascinados por civilizações diferentes e que acreditavam no desejo unificador dos seres humanos mais do que nas diferenças existentes entre eles.

A crônica goisiana

A obra **Crônica do Sereníssimo Príncipe D. João III** foi escrita por Damião de Góis a pedido do Rei D. Manuel I, e era dirigida ao Príncipe D. João (1502-1557), filho de D. Manuel I. A obra contém Índice, Anterosto, Prólogo e apresenta 247 páginas. O texto utilizado no presente estudo é a edição do ano de 1790, publicado na cidade de Coimbra, em Portugal. Esta edição foi digitalizada e se encontra disponível na Biblioteca Nacional de Lisboa.

A obra mencionada pode ser melhor compreendida quando analisada no quadro do Humanismo Europeu, e, especialmente, do Humanismo em Portugal. Além disso, é necessário relacionar o modo de pensar da época com o desenvolvimento econômico do reino português, período chamado de Era dos Descobrimientos.

Damião de Góis escrevia suas obras com o intuito de glorificar os representantes da nação e, ao mesmo tempo, para custeio dos seus estudos. Dessa forma, nessa obra relatou os acontecimentos de sua época, como as viagens e os descobrimientos de novas terras, e também ressaltou os homens letrados e

conhecedores da geografia, seus feitos e proezas. Porém, o próprio pensador português deixou claro que na obra **Crônica do Sereníssimo Príncipe D. João** foram abordados somente os aspectos mais fundamentais dos temas acima mencionados, Conforme ele mesmo diz:

[...] Fe as mefmas coufas fãõ já compohtas, e divulgadas por outros efcritores; por que he coufa clara porfe a mais juízos quem de vontade efcreve hiftoria, que o que tem obrigação de o fazer, e muyto mais, fe trata de feytos de Reys, e grandes Senhores, porque neftes fe requiere alto eftylo de efcrever, grande ornamento de linguagem, fubtil, e difcreto artefio rhetorico, e eftylo tão temperado, que o defcuido do efcritor não cegue a gloria do que trata, nem o defacoftumado modo, de dar cores defneceftarias ao que dizer, faça fufpeyta de pouca fé, e pareça fer a tal efcritura mais imitações de tragédias fabulofas fob cor de verdade, que eftylo hiftorico, no qual fe requiere certa noticia do que fe trata e inteira fé no que fe conta, e grande prudência no que fe efcreve (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. I, Prólogo).

O autor inicia o livro falando do avô do Príncipe D. João, também chamado João (1357-1433). Esse início, ao apresentar a ascendência do príncipe exaltado na obra, mostra uma idéia de identificação entre a nobreza e o Estado. A descrição detalhada do batizado do avô do príncipe João como festa litúrgica mas também política, aponta para a direção de uma visão épica da história portuguesa. Essa descrição vem na obra **Crônica do Sereníssimo Príncipe Dom João**, completada por referências às conquistas portuguesas no além-mar. Segundo o autor, que faz um breve discurso sobre as navegações:

ERey D. João I do nome, a que por fuas grandes proezas chamamos da boa memoria, [...] depois o Infante D. Henrique feu filho começou a mandar defcobrir mares, e terras, das quaes navegaçoens a admiração foy então tamanha, que por effe fó refeito vierão a effes Reinos muytos homens letrados,

e curiosos, dos quaes huns vinhão com tenção de hir ver estas terras, Provincias, e novos costumes dos habitadores dellas (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 8-).

Nos capítulos VI a XXXI, o autor fala da relevância das navegações, ressaltando algumas proezas dos Reis e a coragem dos mesmos em ir ao encontro do desconhecido. Desse modo, relata as proezas do Rei D. João I (1357-1433), que ganhou a cidade de Ceuta aos mouros no ano de 1415, então o Infante D. Henrique (1394-1460) seu filho, começou a ordenar novas descobertas de mares e terras, com grandes navegações.

Por ser o Infante D. Henrique homem intelectualizado, conhecedor das letras, astrologia, e cosmografia, D. João ordenou que fosse descobrir terras, para melhor exercitar tão virtuosas artes. Assim, o Infante enviou navios ao longo da costa da África com o intuito de encontrar a rota marítima para a Índia Ocidental. Conforme descrição do autor: [...] o Infante D. Henrique feu filho começou a mandar descobrir mares, e terras, das quaes navegaçoens a admiração foy então tamanha, que por effe fó refpeito vierão a effes Reinos [...] (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 08). Por esses feitos, D. Henrique foi visto com grande admiração por todo o povo.

No capítulo IX, o autor trata de algumas particularidades da ilha dos Açores, descoberta em 1427. Segundo suas próprias palavras, como podemos ver, ele se sentia na obrigação de constituir um relato sobre a referida ilha, uma vez que esta era já conhecida dos portugueses antes do nascimento de D. João: "E porque eu a esta ley, e obrigação tão honesta não pofo fugir, necesftario ferá fizer algumas particularidades da Ilhas dos Açores, pofto que foftem achadas antes do nafcimento de El Rey D. João" (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 20).

A povoação das ilhas teve início em 1439 não por haver, cabe-nos ressaltar, qualquer interesse espontâneo em habitá-las: uma colonização imposta foi realizada com o intuito principal de ocupar as ilhas para servir de porto de apoio a futuras descobertas. Dessa forma, as expedições deixariam de partir necessariamente do velho continente, o que permitiria aos exploradores, menor preocupação com provisões, tendo em vista a necessidade de

abastecimento. Segundo Maria Helena da Cruz Coelho,

[...] Incentiva-se o povoamento do arquipélago açoreano, o qual se fará, porém, em ritmo lento, com colonos reinóis de depois flamengos, afirmando-se, já, todavia, o tráfego dos produtos madeirenses. Da Madeira chega o trigo, o vinho e depois o açúcar, dos Açores virá ainda o trigo e as plantas tintureiras, para, mais adiante, se aproveitarem os recursos naturais dos arquipélagos, desde as madeiras até à pesca (COELHO, 1998, p. 132).

Assim, o século XVI foi o período da ocupação efetiva do arquipélago dos Açores pelos portugueses. Percebemos, no relato, que transparece no caráter desbravador do lusitano, o zelo pelo território. As proporções geográficas reduzidas de sua nação incentivavam, provavelmente, a ânsia por um maior domínio territorial. Foi, portanto, a ambição que rendeu à pátria de Damião de Góis e D. João III a glória dos feitos grandiosos durante o período das navegações.

É concernente ainda ao relato sobre os Açores uma passagem peculiar, digna de menção, na qual é encontrado, em um local inusitado, algum tipo de registro escrito. As letras, gravadas em uma rocha, eram de procedência desconhecida, mas o que realmente tornava a visão impressionante era o fato de que o simples acesso ao local era difícil, gerando a pressuposição de que o feito tendia ao impossível. A esse respeito afirma o autor:

[...] foubes dos moradores que na rocha abayxo onde eftivera a eftatua, eftavão entelhadas na mefma pedra da rocha humas letras, e por o lugar fer perigozo para fe poder hir onde o letreyro esta, [...] ou por ventura por na companhia não haver peffoa, que tivefte conhecimento. [...] Efpantamos tanto esta antiguiffima antigualha por fe achar no lugar, em que fe achou (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 22).

Portugal havia sido vítima da invasão árabe e Damião de Góis dedicou uma parte considerável de sua obra – do capítulo X ao XXXI – à descrição do período da presença

sarracena na nação ibérica. Segundo relato do autor,

[...] os Reys de Portugal não puderão alcançar, lhe concedeo a Providencia Divina em hum fó momento fem ferro, nem sangue, o que aconteceo no mefmo anno da Egezita, e conta dos Mouros, e Arabios de oytocentos e oytenta e dous, em que Arzilla foy tomada. [...] O mefmo dia que o EIRey iffto foub mandou a D. João filho do Duque de Bragança, que fe foffe meter na Cidade com alguma gente de pé, e de cavallo, eque elle o feguiria logo, na qual entrou fem efortvo algum aos 28, dias de Agofto, quatro dias depois da tomada de Arzifta, dia em que a Igreja Romana celebra a memória do bemayventurado Santo Aurelio Auguftinho Bispo de Hippo Regio. Como D. João entrou em Tangere, avisou logo o EIRey, e fez por todas as partes bufcar o delpojo que ficara, o qual foi de pouco valor[...]. O EIRey, fegundo nelle fe via, não dava grandes moftras, porque como era de invencível animo, e de altos penfamentos, lembrando lhe da prizão do Infante D. Fernando feu tio, e dos danos, e perdas que defte tempo, e do feu a nação Portugueza alli receberão, parece que tomava por abatimento de fua Real peffoa ganhar huma tal Cidade, fem della lhe ficar nome de vencedor (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 74).

Tal episódio se tornou marcante na vida da nação portuguesa, já que a coragem e a valentia daqueles que ali combateram era importante referência para a soberania da nação. No retorno a Lisboa, o reconhecimento de um povo orgulhoso de suas conquistas os aguardava com festas e banquetes. Conforme o autor,

[...] EIRey, e o Príncipe como chegarão a Sylves, partiram logo por mar, e com fua frota profpera, e falva encontrarão no porto de Lisboa, onde forão recebidos com prociffoens, e grande feftas, que em louvor de Deos, e lembrança de tão affinalada vitoria por muytos dias fe celebrarão por todo o Reyno. [...] Nefte anuo de mil e quatrocentos e fetenta e hum (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 76).

Sem mais forças para uma retaliação, o monarca marroquino viu-se então fadado à rendição, e assinou um tratado de paz e amizade com os emissários do rei português. O triunfo de Portugal desmoralizou os mouros, e o episódio de sua expulsão do território lusitano foi freqüentemente reclamado pelas elites do país como um dos momentos mais importantes da solidificação de sua nacionalidade. Assim, o rei do Marrocos assinou um tratado de paz e amizade com os emissários do monarca português.

Nos capítulos XXXII ao CIV Damião de Góis discorre sobre os fatos ocorridos na corte portuguesa. Entre eles faz menção aos casamentos e as alianças entre os reinos, como forma de alertar para as inconvenientes e mal-sucedidas uniões. Conforme ele mesmo diz,

[...] e affim de cafar a Infanta Dona Joana fua filha, com o Príncipe Dom João filho de EIRey Dom Affonfo [...] e para efte negocio fe effyruar, efcreevo a EIRey Dom Affonfo que lhe enviafte para ifto feus Embayxadores, [...] mas efte cafamentos nem defta vez puderão ter effeyto, nem menos o de Dom Carlos Duque de Berri, e de Guiena, para o qual nefte mefmo tempo EIRey luiz de França feu irmão mandara pelo Cardial de Alvi, que era grande Prelado naquelle Reyno, commenter cafamento com a Infanta Dona Ifabel, o que caufou naum fe fazerem efte cafamentos forão muytos inconvenientes (DAMIÃO DE GÓIS, 1790, p. 96)

Ao relatar os episódios ocorridos na corte portuguesa, Damião de Góis procurou pintar o retrato do príncipe perfeito para subir ao trono e governar. O autor deixou claro que tal indivíduo deveria, por exemplo, manter a qualidade dos dirigentes do passado e, ao mesmo tempo, voltar seus olhos para a realidade que o cerca, com justiça e ponderação. A prudência é outra virtude destacada por Góis, segundo o qual o príncipe deve premeditar suas ações e avaliar suas conseqüências em oposição a ações impulsivas. Acima de tudo o príncipe ideal deveria valorizar a virtude de seu povo. O autor concluiu que, dotado de tais qualidades, o governador poderia levar a nação de Portugal a

uma soberania tanto política quanto econômica.

É oportuno mencionar que Damião de Góis possui outras obras além desta analisada neste artigo, dentre elas se destaca o pequeno opúsculo intitulado **Elogio da cidade de Lisboa**. Publicado na tipografia eborense de André de Burgos em 1554, a ***Vrbis Olissipone Descriptio***, de 48 páginas, é dedicado às grandezas da cidade de Lisboa.

O opúsculo **Elogio da cidade de Lisboa** foi reorganizado, nas versões latina e portuguesa, com introdução de Ilídio do Amaral, apresentação, edição crítica, tradução e comentário de Aires A. Nascimento, no ano de 2002, e foi publicada pela Guimarães Editores, aliada nesta edição vemos uma reprodução do mapa de Lisboa do ano de 1593, bem como uma série de plantas tomadas por ampliação desse mapa. (DAMIÃO DE GÓIS, 2002).

Damião de Góis, por possuir a crença de que os acontecimentos históricos eram resultado da livre atuação do homem, trouxe importante contribuição para o Humanismo. Ele representava os homens esclarecidos do seu tempo que fascinados por civilizações diferentes, acreditavam no desejo unificador dos seres humanos mais do que nas diferenças existentes entre eles. Sendo assim, durante sua vida, o seu sentimento nacionalista tinha por vezes competido com outros compromissos fortes. Ele tinha a generosidade de espírito necessário para ver em todas as religiões uma contribuição para o pensamento e para a vivência religiosa.

O ilustre Humanista português relatou nessa obra os acontecimentos de sua época, as viagens, o descobrimento de novas terras, ressaltou também os homens letrados e conhecedores da geografia e os feitos e proezas dos Reis. Portanto, Damião de Góis, em sua vida de cronista, exaltou com admiração e lealdade os Reis e Príncipes, com quem conviveu, e até mesmo as gerações passadas. Nesse sentido, perfilados aos mais brilhantes intelectuais portugueses do século XVI que louvaram a história, a tradição e os feitos do povo português – especialmente D. Jerônimo Osório da Fonseca (1506-1580), proeminente liderança religiosa, e Luís Vaz de Camões (1524-1580), o mais ilustre de todos os poetas da língua portuguesa, Damião de Góis representou a face modernizadora da

construção do império português no início dos Tempos Modernos. Suas idéias, mesmo tendo sido consideradas perigosas, cumpriram importante papel político e ideológico (ARNAUT DE TOLEDO 2006). Assim, Damião de Góis realizou, na trajetória de sua vida, todas as obrigações que lhe foram destinadas com prudência e lealdade mesmo diante das divergências políticas e ideológicas. Damião de Góis se manteve firme em suas crenças acentuando a consciência de sua própria dignidade.

Toda a obra de Damião de Góis apresenta a idéia da identificação entre reino e soberano, perspectiva política típica do início dos Tempos Modernos. Essa modernidade foi muito bem antecipada por Portugal. Nesse sentido, pode-se dizer que nesse exemplo, com clareza, as idéias receberam e refletem a grande pujança do desenvolvimento mercantil do período em Portugal. Além disso, tais idéias compuseram, juntamente com a nova realidade econômica possibilitada pela exploração colonial e pelo comércio, a feição política do moderno estado português.

Referências:

Fonte primária

DAMIÃO DE GÓIS. Crônica do Sereníssimo Príncipe **D. João**. Coimbra: Real Officina de Universidade, 1790.
Obra digitalizada. <http://purl/418>. Data de acesso 06/04/05

Literatura de Apoio

ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. Erasmo, o humanismo e a Educação. In: **Linhas**. Revista do Mestrado em Educação e Cultura da UDESC, Florianópolis. Volume 5, n. 1, Jan./ Jun 2004. p. 94-101.

ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. Sobre o *Enchiridion Militis Christiani*, de Erasmo de Roterdão. In: **Acta Scientiarum**: Human and Social Sciences, Maringá, volume 26, n. 1, Jan./ June 2004. p. 95-101.

ARNAUT DE TOLEDO, C ezar de Alencar. Pedagogia e política nos Tratados de Nobreza Civil e Cristã de Jer nimo Osório da Fonseca. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v.28, n.01. p. 73-79, 2006.

BAQUERO MORENO, Humberto. A idade moderna entre luzes e sombras. In: NOVAES, A. (org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 163-177.

COELHO, Maria Helena da Cruz. No barco da conquista. O Portugal que se faz caravela e nau. In: NOVAES, A. (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 123-144.

COSTA, João Cruz. **Contribui o   história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

DAMIÃO DE G IS. **Elogio da cidade de Lisboa**. Lisboa: Guimarães, 2002.

DOMINGUES, Francisco Contente. A arte e técnica nas navega es portuguesas: Das primeiras viagens   armada de Cabral. A arte de navegar no século XV. In: NOVAES, A. (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 209-227.

DRESDEN, Sem. **O humanismo no renascimento**. São Paulo: Editorial Inova, 1968.

HIRSCH, Elisabeth Feist. **Damião de G is**. Lisboa: Funda o Calouste Gulbenkian, 1967.

NOVAES, A. (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-16.

RÊGO, Raul. **O Processo de Damião de G is na Inquisi o**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: EDUSC, 2001.

SKINNER, Quentin. **As Funda es do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TAVARES, Fernando José. **Damião de Géis: um paradigma erasmiano no humanismo português**. Lisboa: Universitária, 1999.